

O HOMEM E O ESPELHO

Todos os Tratados falam de um sintoma cardeal na Esquizofrenia: a dissolução do EU. Como será a atmosfera interna resultante desse fenómeno que, derrubando os muros do castelo feudal, invade o núcleo íntimo da personalidade?

Tudo se passa como se aquela força básica que, ao mesmo tempo, permite e determina todo o agir (externo ou interno, implícito ou explícito) ficasse, simultaneamente, aprisionado e liberto para um rumo misterioso, num paradoxo terrível e inexplicável.

O Ser perdeu a sua normal dinâmica, a sua margem de liberdade e move-se num tempo fantástico, onde ainda existe algo de uma realidade fragmentada.

Mas um mundo fantástico, incompreensível, ganha uma força que nada remove, emergindo, então, das estruturas da personalidade as ruínas fumegantes do delírio.

Sempre que tento aprofundar o doente esquizofrénico lembro-me de um episódio, já distante, na minha carreira médica.

Estudava, então, as primeiras páginas da Psiquiatria, quando, no regresso a casa, noite já avançada, após um período de urgência hospitalar, deparei com um jovem, sentado junto a um lago de jardim contemplando-se na quietude da água fracamente iluminada.

Estava quase imóvel, olhando-se de modo estranho e passeando as mãos pela face emagrecida, como se quizesse reencontrar-se e ficar seguro de si mesmo, de que existia.

Segui o meu destino, embora furtivamente relançasse, de quando em vez, os olhos para aquela cena que abalava, bem fundo, o meu pensamento.

Dias depois, na Enfermaria do Hospital em que iniciei a minha carreira, foi admitido um novo doente.

Algo me sobressaltou; eu julguei reconhecer o jovem daquela noite.

E quando o vi, perdido nos corredores, qual ser fantasmático, mirar-se tempos infinitos num pequeno espelho, adquiri a certeza.

Integrado numa equipe, tive a oportunidade de o estudar e instituir uma terapêutica.

Nas longas entrevistas que mantivemos, jamais esquecerei alguns dos seus dramáticos depoimentos centrados na busca incessante do EU, que se estilhaçava, transformando-se num outro que ele desconhecia.

Era um Ser sem tempo, nem passado, sem memória, numa incessante transformação de um presente sem referências num futuro de angústia, medo, perseguição e morte.

Ele contava-me, de modo pungente, como perdera a sua liberdade, como os seus desejos lhe pareciam estranhos, ignorando as causas que os determinavam.

Todos os seus actos deixaram de fluir numa linha contínua; E acrescentava: estou estranho, sou outro, perdi o ideal, perdi a liberdade.

Lembrei-me, então, de Nietzsche, que dizia: *Amei-te mais que à minha vida, querida sombra, para seres para mim um corpo e eu, sombra.*

Depois, compensado, tem alta e perdi-o, na voragem do trabalho e na sua fuga para uma ansiada recuperação.

Hoje, anos volvidos, em que, por acção de fármacos, precocemente instituídos, as formas da esquizofrenia estão sofrendo notáveis modificações, e os diagnósticos se tornam mais complexos e exigem mais subtis pesquisas, penso que aquele Homem-espelho é, talvez, na busca desesperada do seu EU, o único sintoma que permanece imutável na expressão patoplástica da mais misteriosa doença do espírito.

MÁRIO TABORDA